

## **A NOVA *VELHA* ORDEM MUNDIAL\***

Pedro Costa Guedes Vianna\*\*

Nos últimos anos, meses e dias, o mapa do mundo vem sofrendo alterações de grande e pequena amplitude. Alterações recentes de grande porte como o desmembramento do bloco Soviético e da menor impacto na escala mundial, como o desmembramento da Iugoslávia, ou ainda as guerras civis em Angola e Etiópia. Essa situação contrasta com um longo período anterior de certa imobilidade do mapa mundi. A rigor as guerras civis citadas são antigas, estavam "enquadradas" no conflito das superpotências. A sobrevivência desses conflitos após a superação da "Velha Ordem Mundial" é um desafio ao entendimento de uma "Nova Ordem", ou talvez sejam sobras de uma situação já decomposta mas não digerida.

Procurar entender este quadro dinâmico de mudanças tão rápidas quanto a velocidade de um de seus principais protagonistas, o computador, é o desafio a que se propõe este texto, com a convicção de que jamais será possível alcançá-lo por completo. Admito apenas a possibilidade de percebê-lo em vultos, visto pelo lado de preconcebidas e imperfeitas idéias, que cada um de nós carrega consigo, do que seja este mundo.

### **A Velha Ordem**

Podemos denominar de "Velha Ordem" todo o período que sucedeu a 2a. Guerra Mundial, até a Queda do Muro de Berlim, estabelecendo uma

---

\*Agradecimento Especial ao Professor Giuseppe Galvan, pela paciência, incentivo e revisão.

\*\*Aluno de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, Geógrafo do IAP-PR.

espécie de modelo bipolar, baseado num equilíbrio entre duas grandes superpotências. Esse quadro começa a degenerar quando uma dessas superpotências, a URSS, mergulha numa crise que acaba na sua desintegração.

Já no curso final da Guerra, na Conferência de Yalta, se realiza a divisão da Europa e por extensão do mundo, em duas áreas de influência. Essa divisão será muito pouco modificada nas três décadas seguintes. Estavam lançadas as bases para o que se chamou de mundo bipolar, que se constituía de um equilíbrio estratégico entre os Estados Unidos da América do Norte e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Os movimentos finais da 2a. Guerra Mundial foram motivados pelo interesse em se buscar posições mais favoráveis no novo cenário pós-conflito. O passo seguinte foi o estabelecimento do processo da Guerra Fria. Essa situação já vinha se estabelecendo durante os combates finais, elucidada pela pergunta de Tragtemberg, *"o que é o Leste Europeu? É uma criação do Tratado de Yalta, em que o mundo foi dividido em esferas de influência americana e esfera de influência russa"*<sup>1</sup>.

Vários serão os momentos em que se construirá a agora chamada "Velha Ordem". A Guerra Fria é um desses primeiros momentos. A bipolaridade no campo militar evidenciada pelo equilíbrio nos cenários Europeus e Asiático, onde a desvantagem inicial dos aliados ocidentais em relação aos exércitos convencionais é contrabalançada pela sua exclusividade no acesso à bomba atômica. Na seqüência os soviéticos alcançaram também a tecnologia de artefatos nucleares, porém sem comprometer o "equilíbrio".

Este período se caracteriza pelo fortalecimento interno dos dois grandes blocos, acerto de fronteiras, e dissipações de resistências internas. A hierarquização e a construção dos blocos em função dos interesses das duas grandes superpotências, formaram espaços de segurança, áreas de influência e zonas de disputa. *"Guerra Fria é neste sentido uma confrontação múltipla (econômica, política, diplomática, cultural, propagandística) ... onde as divergências entre as duas superpotências multiplicam-se pelo espaço sem encontrarem soluções"*<sup>2</sup>.

A América Central e o Caribe por exemplo são zonas de segurança dos EUA, para isso Cuba teve que ser efetivamente "ilhada", através de um bloqueio. O Leste Europeu se constituiu em zona de segurança da URSS. Outros espaços como o Sudeste Asiático e a África tornaram-se campos de disputa, com vários conflitos locais, que tinham como pano de fundo o conflito entre as duas superpotências.

Os maiores símbolos deste período são a divisão da Alemanha em dois estados e construção do muro de Berlim. A Alemanha e sua capital dividida passa a ser a síntese do mundo dividido. *"A Alemanha divide esteve no centro do processo diplomático de discussão do status quo, já que ela simbolizava a situação de beligerância permanente da guerra fria"*<sup>3</sup>. A abrangência deste sistema é global, os mais remotos cantos do planeta são de uma forma ou de outra, com maior ou menor intensidade, relacionados a este sistema. Neste período algumas situações colocaram o mundo à beira de um conflito nuclear. Exemplo disto foi a Crise dos Mísseis Soviéticos em Cuba, um dos pontos mais quentes da Guerra Fria. A guerra fria tornou-se um sistema universal.

Outra característica importante deste período foi a corrida armamentista. Onde cada superpotência procura superar a outra tanto no campo das armas convencionais, quanto no campo das armas estratégicas e nucleares.

Durante este tempo cada superpotência "respeitaria" a zona de segurança da outra e os conflitos ocorreriam nas "terras em disputa" como o Vietname, o sul da África e o Oriente Médio. A Guerra da Coreia e o conflito em torno de Berlim, foram pontos de alta tensão regional, administrados diretamente pelas duas superpotências, o que as aproximou muito de um embate direto, o que certamente explodiria num conflito mundial de conseqüências catastróficas para todo o mundo, devido ao uso de armamentos nucleares, em larga escala.

O período de "esfriamento" da Guerra Fria, chamado de Detente, pode ser entendido como o princípio do fim da Guerra Fria, mas também é a sua aceitação e consolidação enquanto quadro estável à nível mundial. Após o período inicial de tentativas de expansão de suas zonas de influência, retenção e retração do campo de influência do oponente, o relacionamento entre os EUA e a URSS tende a uma estabilização. *"A détente perpetua a grande fria transformando-a; a guerra fria renova-se transfigurada na roupagem da detende"*<sup>4</sup>.

Conflitos como o da Coreia são anestesiados, no Vietname se inicia a retirada Norte-Americana, no Oriente Médio, Israel se consolida como Estado e os palestinos são condenados a um "limbo" territorial. De uma forma genérica podemos afirmar que este período compreende a década de 70 e a primeira metade dos anos 80.

O movimento feito pela China, no início dos anos 60, ao sair da esfera de influência Soviética, porém sem se alinhar na órbita Americana, modifica o quadro geopolítico, e é o principal fato na construção de uma nova situação.

Não chega a China a se constituir numa terceira superpotência, a ponto de gerar um desequilíbrio no sistema bipolar. Porém seu ingresso no Clube Atômico e posterior desenvolvimento de vetores de médio alcance a colocou numa posição de relativa independência naquele cenário.

A *détente* se caracteriza também por um acirramento da guerra de propaganda que envolve rádios de alcance mundial e local com o único objetivo de propaganda ideológica. O uso do esporte no marketing das idéias, e constantes boicotes aos jogos Olímpicos é outra de suas facetas. Também temos neste período os primeiros contatos e acordos visando a não proliferação de armas estratégicas (inclusive nucleares) e até uma tímida colaboração na área espacial.

Conseqüentemente dentro de cada bloco diminui a pressão interna sobre as dissidências, diminuindo as intervenções diretas das superpotências em seus "quintais" e se consolidando outras formas mais sutis de controle.

A doutrina da MAD (Mútua Destruição Assegurada) é parcialmente substituída pelas idéias da GNL (Guerra Nuclear Localizada) ou DRF (Doutrina da Resposta Flexível) o que desencadeia uma nova etapa da corrida armamentista. Onde se busca cada vez mais a sofisticação tecnológica no instrumental militar e onde os mísseis de longo alcance e pouca precisão tendem a ser substituídos por vetores menores, de menor alcance, porém maior precisão.

É o período em que as duas Alemanhas iniciam um tímido processo de negociação acerca de temas comuns. É também quando o processo de deterioração do governo comunista polonês, anuncia ao mundo os primeiros sinais de graves problemas no Império Soviético.

O período de *détente* começa a terminar quando os sinais de colapso do bloco soviético evoluem para uma crise estrutural interna. Isso nos mostra o verdadeiro significado da "bipolaridade", que era o de destruir a URSS. A velocidade com que os fatos aceleram a derrocada do chamado socialismo real, coloca a nu (para o resto do mundo) toda uma situação já velha conhecida da população do leste europeu. A falta de flexibilidade dos sistemas de partido único, ajuda em muito na queda destes gigantescos aparelhos estatais. No vácuo criado por essa derrocada ressurgem com força toda uma gama de questões étnicas, nacionais e religiosas que funcionam como catalisadores do descontentamento generalizado. Esses movimentos convergem para a fragmentação de todas as esferas do poder antigo. É bom termos clareza de que a contestação não começou meramente por dificuldades econômicas como bem nos lembrou Optenhögel, "*o processo todo se iniciou e deu seus primeiros resultados concretos no campo político*"<sup>5</sup>.

O que na verdade desaparece do cenário no leste europeu é o "modo de produção socialista estatal" e seu regime político do "partido único", baseados no que se chamava no início da Revolução Russa de ditadura do proletariado. Esse modelo era explicado por seus defensores, como "socialismo possível" ou "socialismo real", onde a utopia de um novo homem, uma nova mulher havia sido abandonada.

Apesar de toda a nebulosidade do quadro passado no leste europeu, parece claro que lá aconteceu de diversas formas diferentes uma revolta popular, que percebia nos regimes vigentes, uma caricatura de socialismo, que na verdade não passavam de governos autoritários controlados por alguns poucos privilegiados. Parecem ser essas as razões do fim. As perspectivas são sombrias como salienta Optenhögel, "*a tendência é a volta ao capitalismo e a um capitalismo extremamente brutal, um capitalismo selvagem, um capitalismo nada civilizado*"<sup>6</sup>.

Não é minha intenção aqui aprofundar as razões que levaram a esta situação, embora esta deva ser uma tarefa prioritária para os pensadores de esquerda. Muito tem se escrito sobre o assunto e certamente a construção de uma alternativa ao capitalismo tem que passar por uma reflexão destes tempos recentes.

## **A Nova Ordem Mundial**

Muito se debate se existe de fato ou não uma *Nova Ordem* mundial, porém o que é certo é que aquela que chamamos de *Velha Ordem*, ou seja, o sistema bipolar das duas superpotências efetivamente acabou. Alegam alguns que hoje o termo *Nova Ordem Mundial* é apenas uma retórica para explicar (ou não explicar) uma fase de transição ainda não delineada. Por isso me atrevo então, a fazer um exercício mental sobre que possíveis cenários se configuraram no novo rearranjo do espaço mundial.

### **1. A Velha Nova Ordem Mundial**

A primeira situação vislumbrada recebe a denominação de "*Velha Nova*" por encarnar aspectos de duas situações no passado do quadro geopolítico mundial. Uma seria o Império Romano e outra o domínio Imperial Inglês.

Nesta situação haveria uma só superpotência, a manutenção dos EUA neste status, pelo menos no campo militar. Essa hegemonia seria gradativamente questionada por pólos como a Europa e o Japão. Podemos

dizer que esta seria uma transição para uma *Nova Ordem*. Porém não se afasta aqui a possibilidade de este quadro paulatinamente vir a se firmar, passando de situação transitória para estável, se cristalizando como uma efetiva *Nova Ordem*.

*"Hoje em dia, nenhum outro Estado chega sequer perto de equiparar-se aos EUA em prestígio e poder global. A Rússia ainda conta com o arsenal nuclear de uma superpotência, mas não tem capacidade de projetar suas forças pelo planeta, e seu grande Exército convencional encontra-se desmoralizado e em processo de desintegração"*<sup>7</sup>.

Inúmeros fatos, principalmente no campo militar tem nos permitido raciocinar sobre o quadro onde uma superpotência militar sozinha manteria a capacidade de intervenção militar, desde ações curtas, tipo cirúrgicas, até outras mais duradouras e prolongadas, sem ser contestada mundialmente. Seriam os casos de Granada, e Panamá na América Latina, da Guerra do Golfo no Oriente e da Somália na África. Por outro lado a crise econômica e social por que passa hoje os EUA, com seus problemas de dívidas interna e externa, balança de pagamentos negativa, parque industrial relativamente obsoleto, conflitos raciais entre outros, coloca em questão se os EUA conseguirão manter-se como superpotência.

A questão da absorção de novas tecnologias pelo parque produtivo norte-americano, até hoje é uma incógnita, por outro lado o acirramento de velhos conflitos internos principalmente o racial, parece ser uma espécie de bomba relógio na sociedade americana. Talvez este conflito tenha um grau de violência e complexidade comparáveis aos atuais conflitos étnicos na extinta URSS.

Outro fato que não aponta para a cristalização deste cenário é a durabilidade do conflito na ex-Iugoslávia. Porque não se impõe uma solução tipo *Pax-Americana*, ou paz dos cemitérios à guerra entre sérvios, croatas e muçulmanos? Possui a superpotência (com ou sem seus aliados) condições de impor uma solução definitiva e estável a este conflito, sem sofrer um desgaste tipo o acontecido no Vietname? Essa pergunta pode ser transportada também para o caso da Somália.

*"A liderança global dos Estados Unidos e especialmente sua autoridade estão fadadas à dependência crescente*

*em relação ao que verdadeiramente acontece dentro do país - como a economia lida com o desafio dos concorrentes estrangeiros, como a nação define na prática e em seus valores o significado de seu alto padrão de vida, como reage ante os dilemas concretos do mundo politicamente consciente e pós-utópico*"<sup>8</sup>.

As vacilações, dos pretensos senhores da *Nova Velha Ordem*, nos leva a cultivar dúvidas sobre a real possibilidade de sedimentação deste cenário.

## 2. A Tripolaridade

Outro quadro que se pode imaginar é um equilíbrio precário, baseado em três grandes núcleos de poder mundial. Estes seriam a América do Norte (sob hegemonia dos EUA), a Europa Ocidental (sob liderança da Alemanha) e o Extremo Asiático (sob liderança do Japão). Cada um destes pólos manteria sob sua influência direta uma periferia, que seria sua zona prioritária para busca de matérias-primas (mão-de-obra não qualificada inclusive) e campo para investimentos e expansão.

A América do Norte teria nas Américas Centrais e do Sul esta zona de influência direta. O México por sua posição geo-estratégica às portas dos EUA receberia tratamento diferenciado. Porém de uma maneira geral a política norte-americana para a região seria uniforme. Haveria uma concentração de fluxos no sentido norte-sul e uma diminuição dos laços comerciais da América Latina com a Europa e outras partes do planeta. Por outro lado a identidade e unidade na América Latina tenderia a um fortalecimento em função principalmente do acirramento das diferenças históricas com os EUA.

A tendência se reforçaria caso um tratado com o NAFTA for realmente levado à frente, nele estão marcados os princípios de um mercado "único" porém hierarquizado, nas Américas. Neste sentido o surgimento de um tratado como o MERCOSUL não seria somente uma resposta ao NAFTA, mas englobado no espírito deste.

Na África e Oriente Próximo a influência mais direta da Europa liderada pela Alemanha seria mais intensa.

*"A Alemanha, principalmente, potência industrial, desmilitarizada, e onde a "guerra fria" mais esteve cruamente presente, certamente sempre interessou o processo de distensão e "europeização" da política no continente, antes de tudo porque lhe era favorável este*

*ambiente como condição para o seu mais ambicioso projeto a unificação*<sup>9</sup>.

Neste caso a Europa Oriental seria uma zona de expansão prioritária dos capitais hoje na parte ocidental. Não se enquadraria a Europa do Leste (ex-socialista) como área de extração pura e simples de recursos primários, mas como zona de desenvolvimento capitalista e receptora de investimentos. Rica em recursos naturais, com população de alto nível de instrução, mão-de-obra qualificada a nível de primeiro mundo, extremamente carente de capitais e de tecnologia moderna, dotada de boa infra-estrutura básica, a Europa do Leste poderá ser incorporada à economia do ocidente europeu. Diversos autores, entre eles; Deutsch já adiantavam as ambições de uma Europa unida e forte.

*"Com o tempo - assim esperavam os 'europeus' entre os 'líderes' da Europa Ocidental - essa integração acabaria tendo finalidades gerais, e se assemelharia àquela implícita no Estado-nação, federal ou unitário. E ocasionalmente, abrangeria toda a Europa não comunista e talvez, até - era o que se esperava - fizesse com que alguns países comunistas do Leste europeu se retirassem do bloco soviético e se integrassem na Europa Ocidental"*<sup>10</sup>.

Por outro lado o Oriente Próximo e a África, estariam condenados, a uma situação semelhante à da América Latina. Ficariam em condições de serem tratadas como neo-colônias, na margem da economia europeia e mundial.

No Oriente, surge um terceiro pólo onde o Japão têm o papel de "*Domador de Tigres*" organizando o comércio e a produção na região em função de seus interesses. A China receberia uma espécie de tratamento prioritário em relação aos investimentos japoneses, e manteria sua influência militar e geopolítica na região.

*"Dos países que não fazem parte do núcleo do sistema capitalista ou não estão diretamente afiliados ao mesmo, apenas o Japão atingiu plenamente sua meta. No entanto, as políticas japonesas, tanto internas quanto externas, até o ponto da humilhação militar*

*sofrida diante dos norte-americanos, mostram com bastante clareza, que antes desta data, o Império do Sol Nascente não se considerava sob qualquer hipótese, como membro do "clube" ocidental. ... é provável que, no fundo de suas consciências, os japoneses não tenham abandonado a expectativa de que, no futuro, talvez numa aliança com a China, se tornem, por seu turno o centro de um sistema mundial ainda desconhecido"<sup>11</sup>.*

O futuro da China é hoje uma das maiores preocupações e incógnita do atual quadro mundial, pois conseguiu até o momento preservar aspectos fundamentais do sistema socialista, mas enveredou por reformas que introduziram aspectos importantes da economia de mercado. Segundo especialistas dos diversos campos de pensamento isto parecia impossível. E não podemos nos esquecer que de cada 4 seres humanos 1 é chinês, isto por si só é uma razão para o mundo inteiro ter em mente que não haverá nenhum novo arranjo geopolítico sem que a China esteja nele contemplada.

A periferia deste pólo seria composta por todo o sudeste asiático, as ilhas do pacífico, e tanto Índia como a Austrália seriam parceiras privilegiadas também, mas em condições um pouco diferentes da China.

Como estamos a nível da imaginação podemos dizer que este seria cenário parecido com o de um hipotético final de 2 G.M. onde a Alemanha e seus aliados tivessem ganho a guerra na Europa, o Japão na Ásia, mas os EUA conservado seu poder e hegemonia nas Américas.

### **3. A Nova Bipolaridade**

O terceiro e último quadro encenado neste ensaio é o de uma renovação da Bipolaridade hora desmantelada e a substituição por dois novos pólos organizados em torno dos oceanos Atlântico Norte e Pacífico. Estaríamos então na era dos oceanos. Uma nova bi-polaridade baseada agora em duas zonas, aglutinadas ao redor de dois oceanos.

O primeiro deles no Atlântico Norte, com a costa leste Americana e boa parte do parque industrial americano e centros como Nova York, Chicago, Miami, entre outras e do outro lado a Europa Ocidental, englobando França, Alemanha, Inglaterra, Países Baixos, Itália, Espanha, etc.

O outro pólo se situaria em torno do Pacífico, desde o extremo leste da Ex-URSS, Vladivostok, passando pela Manchúria, China, Coreia, Japão, Hong Kong, Singapura, Nova Zelândia, Austrália e redondezas. No outro lado teríamos, toda a costa oriental da América, incluindo, Alaska, Vancouver no

Canadá, passando por São Francisco e Los Angeles nos EUA, indo pelo México, até o Chile.

Estariamos numa era dos oceanos, eles seriam os centros geopolíticos, e não os continentes, aliás situação não inédita no quadro mundial, é só lembrarmos do termo *Mare Nostrum*, usado pelos romanos. Se formariam cordões de importantes cidades na borda dos dois oceanos, e o comércio seria intenso entre estas cidades ao longo deste cordão.

Esta situação nos levaria a pensar por exemplo que a unicidade dos EUA, estaria ameaçada, pois a integração econômica e cultural de sua costa oeste se daria mais intensamente com a Ásia, aliás como parece ser sua vocação. A costa leste continuaria e intensificaria suas relações com a Europa Ocidental. Estaria neste caso em risco a integridade do território e da nação mais poderosa do mundo. Conflitos como o ocorrido em Los Angeles em 1992, causados na raiz pelo desprezo de trabalhadores negros em relação aos orientais, insinuam que a presença de imigrantes asiáticos já é marcante e até incômoda na região.

As outras áreas do planeta se agrupariam mais ou menos a estes bolsões de riqueza e outros centros menores poderiam surgir. Em torno do Atlântico Sul, teríamos uma, prioritariamente ligada ao Atlântico Norte. Em torno do Índico outra, ligada ao Pacífico.

A capacidade energética, mineral e alimentar dos mares seria elevada e se potencializaria o uso desses recursos. A litoralidade se confirmaria como tendência do século XXI, fazendo novamente um movimento populacional de encontro do homem com o litoral, berço da vida no planeta.

### **Deduções Momentâneas**

A velocidade dos fatos torna impossível usar a idéia de conclusão para determinar o último item deste texto. Não passariam elas de reduções, que estariam obsoletas no dia seguinte. Por outro lado os três cenários imaginados não deixam de ser conclusões e, ou deduções momentâneas, limitadas pela minha capacidade de análise e pela quantidade e qualidade das informações de que disponho.

A literatura e a imprensa especializada tem muito falado de um conflito Norte-Sul, que geraria um espaço mundial radicalizado entre um rico norte e um miserável sul. Porém esta parece para mim uma possibilidade superada, pois como coloca Vesentini, "*o conflito Norte-Sul é um mito. A própria idéia de Terceiro Mundo como um potencial, uma força revolucionária mesmo*

*que latente, é, na realidade absolutamente falsa e meramente propagandística*<sup>12</sup>.

O momento por que passa o mundo, permite generosamente que qualquer interessado no seu destino, possa refletir e elaborar idéias acerca de seu futuro. Até aqui foi a guerra quem fez a geografia, o que não significa que a paz um dia não possa fazê-lo, pois a história não acabou.

## Notas

- <sup>1</sup>Tragtemberg, M. Fim do Socialismo ou Crise do Estado Burocrático? In: **Plural - Revista da APUFSC**, Florianópolis, v.1, n.1, p.28, 1991.
- <sup>2</sup>Magnoli, D. **Da guerra fria à détente**. Campinas: Editora Papyrus, 1988. p.45.
- <sup>3</sup>Magnoli, D. Op.cit., p.93.
- <sup>4</sup>Magnoli, D. Op.cit., p.82.
- <sup>5</sup>Optenhögel, U. Do Socialismo para onde? In: **Plural - Revista da APUFSC**, Florianópolis, v.1, n.1, p.22, 1991.
- <sup>6</sup>Optenhögel, U. Op.cit., p.24.
- <sup>7</sup>Brzenzinsk, Z. A desordem. In: **Reflexões para o Futuro - Revista Veja 25 anos**, São Paulo: Editora Abril, 1993. p.65-66.
- <sup>8</sup>Brzenzinsk, Z. Op.cit., p.69-70.
- <sup>9</sup>Costa, W.M. da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da USP, 1992. p.152.
- <sup>10</sup>Deustsch, K.W. **Análise das Relações Internacionais**. Brasília: Editora da UNB, 1982. p.259.
- <sup>11</sup>Rangel, C. **Ideologia Terceiro Mundista e a Realidade Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1986. p.65-66.

<sup>12</sup>Vesentini, J.W. **Imperialismo e geopolítica global**. Campinas: Editora Papyrus, 1987. p.84.

### **Bibliografia Citada**

Brzezinski, Zbigniew. "A Desordem". In: **Reflexões para o Futuro - Veja 25 anos**, São Paulo: Editora Abril, 1993. p.63-73.

Costa, Wanderlei Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da USP, 1992. 374p.

Deutsch, Karl Wolfgang. **Análise das Relações Internacionais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982. 343p.

Magnoli, Demétrio. **Da Guerra Fria à Détente**. Campinas: Editora Papyrus, 1988. 113p.

Optenhögel, Uwe. Do Socialismo para onde? In: **Plural - Revista da APUFSC**, v.1, n.1, p.19-27, jul./dez. 1991.

Rangel, Carlos. **Ideologia Terceiro Mundista e a Realidade Ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1986. 201p.

Tragtemberg, Maurício. Fim do Socialismo ou crise do Estado Burocrático? In: **Plural - Revista da APUFSC**, v.1, n.1, p.28-36, jul./dez. 1991.

Vesentini, José William. **Imperialismo e Geopolítica Global**. Campinas: Editora Papyrus, 1987. 100p.